

# Investigación joven con perspectiva de género V

Edición y coordinación:  
Clara Sainz de Baranda  
Marian Blanco-Ruiz



# **Investigación joven con perspectiva de género V**

# **Investigación joven con perspectiva de género V**

**Edición y coordinación:**

**Clara Sainz de Baranda**

**Marian Blanco-Ruiz**

Edita: **Instituto de Estudios de Género, Universidad Carlos III de Madrid.**  
**2020**

**Creative Commons** Reconocimiento – NoComercial – SinObraDerivada (by-nc-nd):  
**No se permite un uso comercial de la obra original ni la generación de obras derivadas.**

**Edición electrónica disponible en internet en e-Archivo:**

<http://hdl.handle.net/10016/31522>

**ISBN: 978-84-16829-53-8**

La responsabilidad de las opiniones emitidas en este documento corresponde exclusivamente de los/as autores/as. El Instituto Universitario de Estudios de Género de la Universidad Carlos III de Madrid no se identifica necesariamente con sus opiniones. Instituto Universitario de Estudios de Género, Universidad Carlos III de Madrid. 2020

**Libro de Actas del V Congreso de jóvenes investigadorxs con perspectiva de género (3, 4 y 5 de junio de 2020)**

<b>EDITORIAL.....</b>	<b>8</b>
PERSPECTIVA DE GÉNERO COMO RESPUESTA A LOS DESAFÍOS ACADÉMICOS Y SOCIALES.....	8
<b>MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y REPRESENTACIONES DE GÉNERO .....</b>	<b>10</b>
EL PODER TRANSFORMADOR DE ENCARNAR EL FRACASO: LA REPRESENTACIÓN DISIDENTE DEL GÉNERO Y LA CORPORALIDAD EN <i>THE WILD BOYS</i> Y <i>I LOVE DICK</i> .....	11
APROXIMACIÓN A LA FEMINIDAD Y VISIBILIDAD LÉSBICA EN LA CULTURA POPULAR GLOBALIZADA DE PRINCIPIOS DEL SIGLO XXI. UN ANÁLISIS DE THE L WORD, PRIMERA ETAPA. ....	27
DO CASTE TRAVEL WITH GENDERED BODY?: READING INDIAN DIASPORA ONLINE MATRIMONIAL ADVERTISEMENTS.....	38
<b>ARTE E HISTORIA .....</b>	<b>56</b>
LA PERFORMANCE FEMINISTA: EL EJEMPLO DE ALICIA FRAMIS.....	57
LA MATRONA ROMANA EN LA CRISIS DE LA REPÚBLICA: LA <i>LAUDATIO TURIAE</i> Y EL <i>DISCURSO DE HORTENSIA</i> COMO CASOS DE ESTUDIO .....	70
<b>ANÁLISIS SOCIAL .....</b>	<b>87</b>
GÉNERO Y MIGRACIÓN DESDE LA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE HONNETH. EXPERIENCIAS DE NO RECONOCIMIENTO DE MUJERES TRABAJADORAS COLOMBIANAS EN TEMUCO .....	88
PREOCUPACIONES SOCIALES Y POLÍTICAS EN LA ADOLESCENCIA EN ESPAÑA. UN ANÁLISIS DE LAS DIFERENCIAS ENTRE CHICOS Y CHICAS.....	105
INVISIBILIDAD, PREJUICIOS Y ESTIGMAS SOCIALES. LA REALIDAD DE LAS MUJERES MIGRANTES.....	122
AS CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO SOCIOLOGICO PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO.....	131
AGENCIA Y TRAYECTORIAS DE CUIDADO: LAS VOCES DE MUJERES BABY BOOMERS .....	146
<b>PSICOLOGÍA.....</b>	<b>163</b>
HOMBRES Y FEMINISMO: ANÁLISIS DE LAS NARRATIVAS DE HOMBRES FEMINISTAS DESDE UN ENFOQUE PSICOSOCIAL CRÍTICO Y FEMINISTA.....	164
LA PSICOTERAPIA TRANS-AFIRMATIVA EN ESPAÑA: RETOS Y PROCESOS DE ADAPTACIÓN.....	173
<b>DERECHO Y POLÍTICAS PÚBLICAS .....</b>	<b>190</b>
EL GÉNERO EN LAS CIENCIAS JURÍDICAS .....	191
EL TRATAMIENTO DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO EN LOS PROGRAMAS ELECTORALES. PP, PSOE, CS Y PODEMOS (2015-16).....	199

LA EVALUACIÓN DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE IGUALDAD ENTRE LOS GÉNEROS EN LAS ILLES BALEARS (2007-2017) .....	213
CONCESIÓN DEL ESTATUTO DE REFUGIADA Y PERSPECTIVA DE GÉNERO .....	223
NI SOLUCIÓN, NI DECISIÓN: HEURÍSTICAS Y SESGOS COGNITIVOS EN LOS CASOS DE VIOLENCIA MACHISTA ENTRE PAREJAS .....	233
LA FORMACIÓN DE LA CIUDADANÍA EN IGUALDAD PARA LA PREVENCIÓN DE VIOLENCIA DE GÉNERO EN LOS MUNICIPIOS. PROPUESTA DE ESCUELAS MUNICIPALES DE IGUALDAD.....	247
LA DISCRIMINACIÓN DE LA MUJER EN EL DERECHO CIVIL SUCESORIO (CON MENCIÓN A LA LEGÍTIMA DEL CONYUGE VIUDO): PASADO, PRESENTE Y FUTURO .....	265
<b>EDUCACIÓN Y DOCUMENTACIÓN .....</b>	<b>280</b>
FUENTES DE ARCHIVOS DEL MOVIMIENTO FEMINISTA MADRILEÑO EN LA TRANSICIÓN ...	281
LA HISTORIA SIN LA MITAD DE LA POBLACIÓN: EXCLUSIÓN DE LAS MUJERES DE LOS LIBROS DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN SECUNDARIA OBLIGATORIA.....	297
CREENCIAS SEXISTAS DEL ALUMNADO DE EDUCACIÓN SECUNDARIA.....	314
EDUCACIÓN EMANCIPADORA ECOFEMINISTA. UNA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL.....	323
DECONSTRUYENDO LA REALIDAD CON PALABRAS. INTEGRACIÓN DEL LENGUAJE INCLUSIVO EN LOS ESTUDIOS DE TRADUCCIÓN E INTERPRETACIÓN .....	336
CULTURA DE LA VIOLACIÓN EN LA INFANCIA DESDE UNA MIRADA COEDUCATIVA.....	352
<b>TECNOLOGÍA Y EMOCIONES.....</b>	<b>361</b>
NEUROTRANSMISORES PARA MEJORAR LA DETECCIÓN DE SITUACIONES DE PELIGRO EN VÍCTIMAS DE VIOLENCIA DE GÉNERO .....	362
PRIMERA CAMPAÑA DE MEDIDA DE RESPUESTAS EMOCIONALES Y FISIOLÓGICAS ANTE ESTÍMULOS AUDIOVISUALES EN UN ENTORNO DE REALIDAD VIRTUAL.....	378
<b>PARTICIPACIÓN POLÍTICA Y FEMINISMO.....</b>	<b>391</b>
SERÁ LEY: LA LUCHA POR EL DERECHO HUMANO AL ABORTO. APROPIACIONES Y DISPUTAS DE LAS MUJERES DEL MOVIMIENTO FEMINISTA ARGENTINO EN EL ESPACIO PÚBLICO .....	392
<b>LITERATURA.....</b>	<b>407</b>
THE FLESH WAS MADE WORD: RECLAMATION OF AFRO-LATINAS' BODIES IN ELIZABETH ACEVEDO'S <i>THE POET X</i> .....	408
ANNA MARIA ORTESE Y LA RECUPERACIÓN DE UNA EPISTEMOLOGÍA BASADA EN LA RAZÓN: APUNTES PARA LA RECUPERACIÓN DE LA OBRA <i>CORPO CELESTE</i> .....	422

# **AS CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO SOCIOLOGICO PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

## **Silva Rêgo, Sérgio Antônio**

Investigador colaborador do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – Polo da  
Universidade do Minho  
santoniorego@gmail.com

## **Teixeira Ferraz da Silva, Joana**

Investigadora colaboradora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – Polo da  
Universidade do Minho  
jofteixeira@gmail.com

## **Gonçalves Ribeiro, Rafaela Sofia**

Mestranda em sociologia – Universidade do Minho  
raffaellaribbeiro@hotmail.com

### **RESUMO:**

Realiza-se uma síntese dos contributos do Feminismo Sociológico, mediante a teoria social de cunho feminista, para a ciência, concentrado nas últimas quatro décadas. Por meio de uma revisão bibliográfica perpassa discussões em volta da desconstrução das ideias androcêntricas, que impuseram barreiras ao acesso e participação das mulheres nesta esfera de produção. Assim, tanto a epistemologia feminista, quanto a contribuição das chamadas metodologias feministas, quanto as indicações de caráter metodológico, sobretudo a atenção as metodologias qualitativas, auxiliaram para a concretização de um caminho de combate mais profícuo ao conservadorismo acadêmico, e possibilitam a efetivação de outros discursos, agora produzidos por quem lhes era negado o direito. Concluímos que as principais contribuições foram a própria introdução e dinamização da categoria de análise gênero; a associação de outras perspectivas teóricas; autocrítica feminista somada a ação política e ativista que pode ser exercida sob diversos aspectos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo sociológico; ciência; teoria feminista; ativismo.

### **1. Introdução**

O engajamento do feminismo acadêmico, especialmente a partir das décadas de 1960/70, em sua fase de grande expansão teórica e metodológica, trouxe significativas contribuições, nomeadamente de ordem epistemológica assim como metodológica, para a teoria social. Deste modo, em nosso texto procuramos evidenciar algumas destas contribuições especialmente para o campo da sociologia e, além disso, tentar perceber como se processa o que denominamos de Feminismo Sociológico,



destacando seus avanços no campo científico. Para tanto, utilizamo-nos de revisão bibliográfica, envolvendo a discussão da teoria social feminista (Lovell, 1996; Chafetz, 1997) assim como das epistemologias feministas (Alcoff & Potter, 1993).

O feminismo, enquanto ativismo social, avança para além da discussão público *versus* privado, de problematizações essencialistas (muitas vezes compreendidas como deterministas), "naturalizadas", dos binarismos, da chamada objetividade, que muitas vezes preenchem as análises da teoria social tradicional (Lovell, 1996). Neste texto, procuramos entender, como o debate dessas discussões favoreceu a elaboração de categorias analíticas e de como elas ampliaram significativamente os resultados das investigações.

O feminismo, enquanto movimento social contestador, nomeadamente a partir da segunda metade do século XX, trouxe consigo uma ampliação em diversos aspectos de uma grande parcela da humanidade. Destacamos aqui as perspectivas nos campos da política, esteja ela ou não num nível institucional; da cultura, em suas mais diversas concepções; da análise social e da história, mediante as mudanças de padrões, em sua maioria comportamentais.

Desta maneira, as universidades, assim como muitas de suas docentes engajadas, inseridas neste contexto de mudança, impulsionaram as discussões, críticas aos cânones, promoveram quebras assim como o incremento na forma de se encarar os saberes. Ou seja, a partir da teoria social as formas de conhecimento, do mesmo modo como as pessoas que os processam, não podem ser compreendidas isoladamente. Pelo contrário, elas passam a ser parte importante desse processo, promovendo uma contribuição para a crítica frequente à ciência e sua produção, por vezes, sectária e excludente (Schiebinger, 2001).

Em espacial, no caso do feminismo acadêmico, não se limitando às universidades, ele pode ser exercido em suas dimensões tanto política quanto analítica. O primeiro evidencia-se pelo acesso, formação, permanência e debate de temáticas feministas nos espaços acadêmicos. Já o segundo, bastante ligado à escola anglófona, principalmente na atuação e no debate no interior da sociologia, liga-se à ideia de visibilidade feminina e feminista, nos espaços acadêmicos, compreendidos também enquanto lugares de combatividade e resistências (Scott, 1992).

Apesar da implementação da categoria gênero, associado ao maior acesso das mulheres ao meio acadêmico seja enquanto estudantes ou docentes, não foram suficientes para eliminar as discriminações que séculos de construção sociocultural engendraram em nossa sociedade. Afinal, o patriarcado é uma ideia constituída e, por

isso mesmo, sua discussão e potencial fim podem sim ser reivindicados. Porém, é inegável que a partir do uso mais corriqueiro entre acadêmicos/as da categoria gênero, fins dos anos 1980, sua maior ocorrência e participação no debate em torno da temática é potencializada, de modo que sua discussão e embate são travadas em diversas dimensões.

Não obstante, em nosso texto, procuramos focar essas análises em relação ao conhecimento sociológico, com o objetivo de ampliar a contribuição proporcionada pelas teóricas feministas e seu julgamento ao modelo cientificista androcêntrico. Este fomenta não somente o debate, assim como o conjunto de pesquisas científicas como um todo, que inserem, a partir da inclusão de gênero, outras variáveis, como, por exemplo, os componentes geracional e de localização geográfica, assim como questões de classe, etnia/raça, saúde, vulnerabilidade, encarceramento entre outros.

O androcentrismo pode ser definido como uma forma de tentar normatizar a jeito de pensar e conceber o conhecimento. Sendo assim, criando uma hierarquização e exclusão, dicotomizando maneiras outras de perceber e compreender as diversas manifestações dos saberes. Um olhar centrado apenas numa hermética compreensão do que se denomina enquanto pensamento e conhecimento científico. Para tanto, a concepção de um Feminismo Sociológico, impulsionado através da crítica do feminismo aos conhecimentos androcêntricos (Keller, 1991; Schiebinger, 2001), torna-se, a nosso ver, um elemento de intensa importância e pertinência porque descentraliza a ciência que vai do homem, enquanto categoria essencializada, para o humano promovendo a inclusão de outros gêneros e de tudo aquilo que este conceito trabalha em si mesmo.

O aprofundamento teórico e metodológico trazido pelo Feminismo Sociológico se dá, em sua maioria, ao romper com o historicismo das análises empreendidas até então, salvo algumas exceções. Em seu lugar, associado às contribuições críticas, especialmente da teoria marxista, das análises do chamado pós-modernismo e ainda do pós-estruturalismo (Walby, 1990), há uma ampliação do olhar científico e a inclusão de novos objetos de estudos, potencializando os saberes, discutindo-os. Obviamente, que somente esse fenômeno não foi capaz de romper com séculos de conservadorismo ou mesmo de teorias excludentes e ainda podemos observar/sentir fortes aspectos dele.

Assim sendo, como foi supracitado, uma grande contribuição do Feminismo Sociológico, associado à filosofia, é o aprofundamento das discussões que orbitam em torno da ideia de Epistemologia Feminista. Por meio desta, e não exclusivamente, ocorrem intensas alterações nas análises mediante as histórias de vida (biografias), os

estudos etnográficos, entre outros (Alcoff; Potter, 1993). Destacamos aqui o feminismo empirista, a perspectiva feminista e o feminismo pós-moderno.

## **2. Feministas acadêmicas criticam o saber científico tradicional**

Consideramos, ao longo deste texto, ser mais adequado tratarmos a expressão feminismo, no plural, atendendo a necessidade de visibilizar suas múltiplas abordagens e não é nossa pretensão homogeneizar suas distintas contribuições. As teóricas feministas, especialmente aquelas inseridas no interior do campo sociológico, passaram a explicar o motivo das opressões (Pateman, 1996), das subalternizações (Spivak, 2010), das desvantagens (Walby, 1996: 6) por quais as mulheres atravessavam em vários campos – político, cultural, intelectual, econômico, doméstico – daí resultando a extensa diversidade teórica inserida no interior do feminismo e suas diversas abordagens. Destacamos que esse feito não é decorrente de uma exatidão. Todavia foi uma resposta socialmente e intelectualmente construída mediante as bases concretas fornecidas até então.

A culminância dessas discussões, expostas anteriormente, dá-se mediante a introdução e consolidação do conceito de gênero como uma categoria importante para a análise do social (Walby, 2011: 4). Isto ocorre quando se concebe que o gênero é uma construção social, tornando-se relevante compreender a cotidianidade produzida pelas pessoas, de diferentes sexos e gêneros, em suas relações psicológicas, sociais, culturais e históricas. Particularmente, evidenciando a construção cultural do gênero (Conover, 1988; Amâncio, 2003), diferenciando este da dimensão exclusivamente da sexualidade e do sexo, em grande medida, da ideia de binarismo, desessencializando ou desbiologizando a categoria, além de interromper com uma espécie de cultura silenciada, o que passa a intensificar e ampliar o objeto de análise dos estudos feministas de forma mais concreta (Scott, 1990: 72; Schouten, 2011: 14). De certo modo, a teoria social passou por alterações substanciais, derivado da inclusão da categoria gênero. Todavia, Scott (2009: 108) destaca uma certa perda de “agudeza crítica” do conceito. Sendo assim, continua a ser mais um desafio com o qual o feminismo acadêmico tem que lidar.

Aliada a categoria gênero, estão, conforme apontam diversas/os pensadoras/es feministas, as categorias raça/etnia e classe. Destacamos aqui o trabalho de Chafetz (1997) que emprega a dimensão de etnia e classe associada ao gênero. Saffioti (2015) define essa tríade – gênero, raça/etnia e classe, como “nó” epistemológico. Contudo, Scott (1990: 73) salienta a não “paridade” dessas categorias, principalmente pela não

homogeneização teórica das feministas (marxismo, weberianismo, entre outras). Evidencia-se, mais uma vez, a pluralidade dos feminismos. Além disso, somam-se algumas variantes, tais como: as questões de geração e geolocalização, citadas anteriormente, como também religião e estado civil são inseridas, porém com menor intensidade que as demais categorias informadas.

Em nossa compreensão e concordando com algumas/alguns autoras/es (Harding, 1983; Cobo, s.d: 8; Nfah-Abbenyi, 2005) o ingresso dessa categoria nos estudos das ciências sociais e humanas é um elemento sem retorno, uma "revolução epistemológica" (Harding, 1983: 311), na medida em que trouxe à luz elementos até então invisibilizados por outras correntes teóricas, assim como pela própria sociologia. Todavia, não devemos interpretar esta informação como uma espécie de determinismo, pelo contrário, compreendemos que os saberes são dinâmicos, e, como tal, são reconstituídos, reinterpretados e ressignificados. Além do mais, demonstra a não estagnação do conhecimento como todo promovendo a visão de um pluralismo que é fonte de intensos debates sobre modelos de análise e profundidade na (e da) fragmentação, o que, de fato, não é um prejuízo em si, na medida em que contribuam para uma efetiva construção de um entendimento, cada vez mais crítico, e comprometido com a emancipação social. Essa medida acaba por possibilitar, não de maneira mecânica, ao conhecimento, e passar discutir sobre si mesmo.

A crítica feminista, em relação ao conhecimento não é um fenômeno recente, em grande medida é exercida com base nas observações e relações com a produção da teoria social feminista. Estas, por sua vez, passaram a ser mais intensificadas a partir da década de 1970, no período da chamada segunda geração do movimento feminista (Lovell, 1996: 313). É importante ressaltar que não foi necessariamente o feminismo e sua teoria crítica que alteraram as bases do conhecimento, no entanto, não se pode negar sua participação neste processo. Dado que a provisoriade dos saberes é uma premissa levantada desde a antiguidade. Talvez o elemento mais importante trazido pelo olhar crítico, através do ponto de vista feminista, foi o de ampliação e redefinição de aspectos teórico-metodológicos envolvidos na promoção das pautas dos diversos feminismos.

Além do mais, amiúde, as áreas sob as quais aplica-se o adjetivo feminista, no interior do conhecimento científico, em grande medida naquele que está institucionalizado, são consideradas periféricas ou de menor impacto, político e científico. No que pode vir a ser interpretado, muitas vezes, enquanto um puro reducionismo de gênero. O exposto demonstra, no mínimo, dois cenários, sendo eles:

1. Aquele que prioriza saberes, o que pode ser considerado uma forma de hierarquização destes. Obviamente que a opção política por uma determinada forma de saber ou mesmo opção metodológica, tanto inclui quanto segrega outra, posto que se baseia, na maior parte das vezes, em escolhas de viés teórico. Em grande medida, pelo fato de não se conseguir analisar a totalidade, esgotando-a; e 2. As questões práticas, como destacam Alcoff e Potter (1993: 2) são secundarizadas, em detrimento de uma pretensa universalidade do conhecimento (ainda defendida por parte de intelectuais). Especialmente, pelo fato de a maior parte das investigações feministas o seu objeto ser de ordem fundamentalmente prática.

Essa última observação nos remete a contraditoriedade dessas relações estabelecidas pela ciência, compreendida aqui de modo geral. Posto que, a crítica feminista à ciência consegue tornar a categoria gênero como importante a diversos temas (subciências) das áreas sociais e humanas do conhecimento (Walby: 2011).

A produção do conhecimento conservador dá-se, muitas vezes, segundo modelos hierarquizados, estratificados e cristalizados. Há, nesse sentido a crítica ao modelo hegemônico, notadamente herdeiro do positivismo, que prioriza critérios tais como: objetividade (Keller, 1991: 83-102; Cobo, s.d.: 8); hierarquização (Harding, 1996: 52-72), exatidão, em detrimento de uma pretensa neutralidade na produção do conhecimento (Haraway, 1995) além de exclusão de saberes que não estão moldados num suporte validado por estes padrões.

Por exemplo, os trabalhos de Harriet Martineau (1802-1876) e Marianne Weber (1870-1954) constituem bons exemplos da forma como a academia invisibilizou as mulheres e as arredou do mundo da produção da ciência. O que acontece por efeitos do forte androcentrismo que vigora neste campo, dotando-o de entendimentos e valorizações que estão percebidas a partir das visões totalizantes.

De maneira mais concreta, especificamente, após a segunda metade do século XX, há uma retomada dos estudos de intelectuais críticas ao modelo androcêntrico, nomeadamente revisitando os trabalhos de Margareth Mead, Simone de Beauvoir, Jane Addams entre outras. Não podendo, tampouco devendo esquecer, das contribuições de outros/as pensadores/as. Desta forma, a construção do conhecimento não se torna romanceada em conceber apenas os aportes femininos como exclusivos e coerente com o novo paradigma, assim como se propõe ao diálogo com outras conjunturas acadêmicas. Não essencializando a categoria. Todavia, vale salientar que essa afirmação busca trazer contributos para o feminismo, independentemente do sexo biológico. Porém, não retirando o protagonismo das mulheres, que são sincréticas,

múltiplas e compreendidas no plural. São muitas as contribuições dos homens para o feminismo, destacamos aquelas trazidas nos trabalhos de Hernández e Amorós (1998: 200), Carmo e Amâncio (2004) e Schouten (2011: 19). Sendo assim, seria, a nosso ver, excludente de outras formas de interpretação. A contradição deve ocorrer para efetivar a dinâmica dessa relação a promoção de conhecimentos dialéticos. Com isso, conceitos, teorias, pressupostos podem ser (re)visitados, sejam constituídos por pessoas e não necessariamente por sexo o que não vem a minimizar ou subjugar o enfrentamento feminista, já que concebemos como um movimento de emancipação das opressões.

### **3. Feminismo Sociológico**

Concordamos com Walby (2011: 2) quando afirma que houve um profundo impacto causado pelo feminismo na Sociologia. Isto evidencia o que de fato irá ocorrer na maior parte das academias, principalmente ocidentais. Podemos observar diversas mudanças nas perspectivas epistemológicas, metodológicas, conceituais, teóricas e estas, em sua relação com a sociedade, em muitos casos, alterando comportamentos, fomentando debates e ações coletivas para além das individuais, somando-se a criação de movimentos, locais de discussão, associações de apoio, entre outros.

No que se refere as academias, podemos destacar a criação de disciplinas de Estudos de Mulher(es)/Gênero (Walby, 2011: 3; Pereira, 2017), além de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, na área e, mais recentemente, os estudos sobre as Masculinidades que trouxe, associada ao gênero e a hierarquização social, o conceito de masculinidade hegemônica (Connell, 1995; Connell & Messerschmidt, 2013) ou masculinidade abstrata (Hartsock, 1985), que, de forma geral, trabalha a dimensão de construção social dessa tipologia de masculinidade, de onde pode ser analisada a ideia de dominação masculina (Bourdieu, 1995; 1996), numa evidente relação de poder.

Todas essas formas estão nomeadamente constituídas por uma profunda interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, dado esse que se encontra como uma realidade tangível, decorrendo não de uma exclusividade da sociologia, enquanto ciência, e sim de um fenômeno circunscrito em diversos outros saberes disciplinares referentes às ciências humanas e sociais.

O Feminismo Sociológico pode ser percebido no cruzamento entre ativismo político, podendo ser exercida no interior de organismos institucionalmente constituídos, tais como partidos políticos e sindicatos, assim como, em associações de

bairros, movimentos sociais – rurais ou urbanos, no interior de grupos religiosos e a produção acadêmica. Por sua vez, manifesta-se, através de um compromisso com a causa e intensão de alteração do quadro nos mais diversos níveis. Pretende ser um caminho de desconstrução de privilégios, socialmente erigidos, que inserem o masculino enquanto norma comum (Schouten, 2011).

De maneira hegemônica, o sujeito masculino é inserido no discurso como sendo o grande modelo de referência social por efeito do patriarcado (Walby, 1990). O conceito de dominação masculina que se conjuga com o de violência simbólica (Bourdieu, 1995: 143), principalmente inscrita na objetividade, são fatores, muitas vezes, ligados ao elemento público – considerado um espaço de decisões políticas –, e na subjetividade, elementos atribuído a esfera do mundo privado – compreendido enquanto elemento doméstico (Bourdieu, 1996: 37). A perspectiva simbólica é uma das principais características pelas quais se manifesta essa expressão de dominação. Tanto no ambiente público, como no ambiente privado. Em outras palavras, esse fenômeno ocorre tanto de maneira institucionalizada como do contrário, agindo e permeando diversos meandros. Não negligencia o conceito de patriarcado, porém o avança, em nosso entendimento, na medida em que não o dispõe em bases puramente materiais, como fora exercido por algumas/alguns autoras/es, como também avalia as sociedades com capitalismo mais avançado, que diferem, por vezes, de forma profunda, das demais. Notadamente, aquelas que convencionaram-se chamar de sociedades de Terceiro Mundo, economias periféricas ou ainda mercados emergentes.

Além disso, o Feminismo Sociológico propõe trazer outras categorias que não são aquelas ligadas ao masculino, compreendido enquanto dominador por si mesmo e pela categoria a qual domina, haja vista, que apenas a manutenção seria reafirmar essas dimensões utilizando outras nomenclaturas. Ou seja, fazer uso de categorias patriarcais para tentar desconstruí-lo é uma tarefa hercúlea, especialmente, que a utilização de muitos métodos científicos auxilia nessa manutenção, em grande medida, quando desconsideram as categorias inseridas por essas teóricas. Para tanto, destacamos a categoria de gênero como a mais representativa desta virada.

O processo de mudanças, fomentada pela crítica feminista, reivindicam a garantia de direitos para esses indivíduos que estavam excluídos do processo de análise, não sendo objeto destas. Em grande medida, essa problematização fora desenvolvida pela primeira geração do movimento feminista, em fins do século XIX e

primeiras décadas do século XX, assim como a discussão em torno do acesso à educação e do voto universal.

Scavone (2008: 173) propõe três problemas básicos para ajudar na reflexão crítica sobre a ciência exercida pelas feministas, são elas: 1) a validade, mediante o envolvimento de quem pesquisa, através de sua atuação; 2) as abordagens teórico-metodológicas sob as quais a sociologia está inserida e das quais pode dispor para aprofundar suas análises; e 3) a própria alteração promovida atendendo a introdução de novas abordagens, conceitos e temas, que, por sua vez, foi inserida especialmente através do ativismo de teóricas acadêmicas que reivindicavam uma nova maneira de observar e compreender o conhecimento.

A crítica feminista é dada, ao mesmo tempo, em seu interior e exterior. Não em nível de separação entre estas, mas de simultaneidade onde um e outro são perpassados mutuamente, assim como a autocrítica do feminismo (Chafetz, 1997; Skeggs, 2008) que comumente busca revistar-se, para construir assim um conhecimento mais comprometido com as causas dos movimentos feministas.

Então, a crítica feminista é exercida, dentre outros aspectos, em relação ao ocultamento da participação das mulheres na produção de saberes, evidencia a ideia de poder-saber (Foucault, 2006) exercida pelo elemento pretensamente universal, o masculino (o falso neutro). É uma quebra ao hegemonismo e ao monismo, não só acadêmico, em busca de uma ampliação dos cânones, onde um dos principais questionamentos é o de: como se pode conseguir uma ciência universal se, pelo menos, metade da população está fora dessa análise? Por meio disso, entre outras questões, o Feminismo Sociológico é um tema que desperta interesse, especialmente apoiado na mudança dos paradigmas tradicionais, com a ideia de construção de novos elementos de análise e aprofundamento destes, tais como o gênero considerado como algo consolidado.

O Feminismo Sociológico é também oriundo da emergência da visibilidade em relação à contribuição das mulheres cientistas, pois ultrapassa a produção feminista deste saber. Na medida em que se evidencia esta produção, possibilita levar em consideração outras subalternizações que se agregam a ela, como, por exemplo, a negligência das academias do Sul, a partir do que é denominado por Connell (2012) enquanto metrocentrismo ou teoria do Sul, e a priorização das academias do Norte, global e teórico, ditando as regras para os demais centros de pesquisa do mundo.

Esta abordagem vai além da mera especulação, isto é, ele é constituído por propostas teóricas e metodológicas que validam seus posicionamentos, investigações e



resultados, demonstrando a partir de dados suas implicações. Sobretudo, quando estas pesquisas são derivadas de uma metodologia qualitativa, a qual se percebe a ampliação dos critérios de análise, em grande medida, distanciando-se dos elementos quantitativos, principalmente com o cruzamento de técnicas objetivando atender as demandas solicitadas. Dentre essas contribuições, destacamos a metodologia feminista, que, como o próprio nome adverte, é desenvolvida a partir de experiências feministas, no interior da ciência, especialmente, advindas das epistemologias feministas.

Talvez a maior característica de uma metodologia feminista seja sua profunda interdisciplinaridade, que tem como referência a ideia de dialogicidade, no sentido freiriano (Cf. Freire, 2012 [1968]), promovendo assim a contribuição de vários saberes disciplinares, através de técnicas e pontos de vistas oriundos de cada um deles.

Em outras palavras, o Feminismo Sociológico é a procura por demonstrar a ampliação do contributo e participação feminista na efetiva produção da ciência (Guevara, 2010; Harding, 1996; Keller, 1991; Schiebinger, 2001; Scott, 1992), quebrando barreiras, desconstruindo estereótipos e expandindo as fronteiras dos saberes (Skeggs, 2008: 679). A efetiva construção do conhecimento, identificado aqui como oriundo de uma contribuição feminista, ainda possibilita ir para além do exposto, na medida em que desconstrói o mundo balizado pelo binarismo sexual (mulher-homem) que procura rotular identidades, buscando “normatizá-las”.

O Feminismo Sociológico é então executado, dentre outros contornos, a partir de uma profunda interdisciplinaridade que, por sua vez, se configura desde a ideia de diálogo e de construção coletiva do conhecimento, não o isolando em si mesmo, crescendo por meio do debate e da contribuição de outras formas de manifestação dos saberes.

Essa interdisciplinaridade não pode ser confundida com um relativismo teórico, enquanto uma resposta que sirva a determinada pesquisa por conveniência de quem a executa, forjando-a. É, de modo muito evidente, intentar não construir o que Bourdieu (1989: 25-26) denomina como “monoteísmo metodológico”. Longe disso, ela implica em não cair num monismo conceitual, numa inquietação constante por parte de quem pesquisa. É não se deixar enveredar pela ideia de que exista uma única maneira de procurar enxergar e analisar as sociedades e seus impactos sobre o/os ser/seres. É não tentar observar todas as problematizações a partir da uma mesma ótica, percebendo que os saberes são localizados, assim como quem os produz (Haraway, 1995). Ou ainda, não cair na tentação de profetizar soluções, ou mesmo de sacralizar

teorias. É poder problematizar os temas percebendo-os enquanto espaços de opressão, procurando combatê-los, não se apropriando dos discursos alheios, pondo-se no lugar de outras pessoas.

Uma outra possibilidade que o Feminismo Sociológico implica é, de fato, na revisão profunda acerca do campo de investigação das ciências sociais e humanas, no que se refere a implicação de maior reflexividade, experiência de quem pesquisa, por meio da introdução de novas teorias, conceitos, consciência e conhecimentos com dimensões de engajamento teórico e político. Todavia, essas concepções não são frutos unicamente das contribuições feministas, podendo ser encontrados em outros autores antes da Segunda Geração. No entanto, ressaltamos a retomada desses preceitos como pontos significativos e necessários a produção do conhecimento.

Esta, por sua vez, não se limita ao aspecto teórico, mas também avança sobre o arcabouço metodológico, especialmente em relação ao olhar que o conhecimento possui mediante a inserção da mulher – e do feminino – nas relações de poder (Foucault, 2006), saber (Guevara, 2010; Keller, 1991), classe (Walby, 1990), dentre outras, assim como métodos mais participativos, tal como a dimensão da metodologia qualitativa (Ramazanoğlu & Holland, 2002: 9; Taylor, 1998: 358), e utilização de um conjunto de associação de técnicas de investigação. Ou ainda, a partir da ampliação trazida pela implementação da discussão sobre o igualitarismo (fruto de uma concepção de feminismo liberal com conotação burguesa), compreendida, na maioria das vezes, como reivindicação das feministas da Primeira Geração, da mesma maneira que, mediante a introdução das questões relativas às discussões de gênero, que perpassam diversas categorias, tais como: etnia/raça, classe, identidade, geração, trabalho, saber-poder, dentre outras.

Todavia, não adianta quereremos creditar apenas a esse aspecto as limitações que são marcas de um contexto histórico muito mais profundo. Os indivíduos são influenciados por essa construção cultural que vislumbrava a segmentação como traço natural. O movimento feminista impulsiona esse outro olhar de pertença e passa a oportunizar também às mulheres – e com elas outras tantas categorias que foram chamadas de minoritárias – no lugar de produção de discurso.

O campo de investigação é expandido, introduzindo assim uma concepção de multidimensão, trazida mediante esse alargamento, ela implica em lançar mão de novas formas de atuação por parte de quem investe na pesquisa, utilizando diretrizes de outros saberes. Com isso, incluindo o papel de ativismo e fugindo da pretensa

neutralidade, que baseou, durante bastante tempo, as pesquisas científicas, notadamente aquelas com perspectivas mais conservadoras da sociedade.

A multidimensão que evidenciamos está ligada a diferentes temporalidades que coexistem em espaços-tempos distintos. Por exemplo, em algumas realidades grupos de mulheres que discutem questões salariais, ingresso ao ensino superior, ao passo que outras lutam por liberdade da violência doméstica, outras, por sua vez, por afirmação sexual, questões de saúde e inserção na política, ou ainda pelo combate à miséria e desnutrição dos corpos. Isso implica dizer que os diversos contextos não são em si mesmos homogêneos, inclusive pelas questões regionais de cada conjuntura envolvida na pesquisa possui. A concepção de que o tempo histórico não é si mesmo homogêneo, foi um outro contributo incorporado aos estudos feministas e de gênero: analisar as diversas realidades interligadas, porém respeitando suas próprias constituições.

#### **4.Considerações finais**

Este ensaio teve como ponto de partida evidenciar algumas das contribuições que as feministas acadêmicas trouxeram para a sociologia. Nomeadamente, em perceber como se processa o Feminismo Sociológico, com destaque para seus avanços.

A partir do exposto, as concepções advindas do Feminismo Sociológico baseiam-se, em regra geral, na crítica frequente aos determinismos e universalismos sob os quais uma grande parcela do conhecimento científico está sedimentada. Sendo exercida pela teoria social feminista, possuindo aspectos de incorporação de outras categorias, tais como o feminismo negro, o feminismo dos países colonizados, a introdução do conceito de dominação masculina em somatório ao de patriarcado, a crítica a ideia de um feminismo hegemônico, entre outros.

Além disso, a revisão de teorias somando-se as análises a partir de pressupostos de outras ciências (tais como: psicanálise, filosofia, história, economia e antropologia), deram sustentação a esse movimento. Há também a autocrítica do feminismo, especialmente, com a questão da separação da biologia, a revisão constante de seus pressupostos e fundamentos, associado a pressão por novas formas de ação política e ativismo, para além da epistemológica (sendo essa bastante visível), seja dentro da universidade ou mesmo fora desse espaço.

Outra grande contribuição da teoria crítica feminista para a sociologia deu-se a partir da introdução da categoria de gênero, também utilizada em diversas áreas

disciplinares. Essa admissão proporcionou um vasto equacionamento aos saberes, fomentando novas investigações, reforçando a autocrítica aos/as teóricos/as, além de promover a inclusão de uma parcela significativa da humanidade, principalmente, quando interseccionam categorias. A observância desses aspectos é necessária, posto que são condicionantes importantes a uma análise com maior rigor, trabalhado, em sua maioria, com bases em uma metodologia qualitativa, privilegiando outras formas de aportes e recolha de dados, para além das análises deles.

Portanto, essa nova maneira de encarar o conhecimento, e sua construção, é uma das contribuições do(s) feminismo(s) acadêmico, assim como do conjunto de sua crítica, não sendo apenas oriundo desse aspecto. E, com essa medida, a ampliação de terrenos para análise, principalmente no campo social, tornam-se uma demanda cada vez mais intensa e necessária.

## Referências

- Alcoff, L., & Potter, E. (1993). *When feminisms intersect epistemology*. Alcoff, L. & Potter, E. (Eds.). *Feminist Epistemologies*. London and New York: Routledge, pp. 1-14.
- Amâncio, L. (2003). O gênero no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, v. 38 (168), pp. 687-714.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1995). *A dominação masculina*. Educação e Sociedade. 20(2), pp. 133-184.
- Bourdieu, P. (1996). Novas reflexões sobre a dominação masculina. Lopes, M. J.; Meyer, D. E.; Waldow, V. R. (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 28-40.
- Carmo, I. & Amâncio, L. (2004). *Vozes insubmissas: a história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote
- Chafetz, J. S. (1997). Feminist Theory and Sociology: Underutilized Contributions for Mainstream Theory. *Annual Review of Sociology*, 23:1, pp. 97-120
- Cobo, R. (s.d.) *Sociología crítica y teoría crítica feminista*. Disponível em: <[http://www.ugr.es/~gemma/files/Rosa\\_Cobo.pdf](http://www.ugr.es/~gemma/files/Rosa_Cobo.pdf)>, acesso em janeiro/2020.
- Connell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21(1), pp. 241-282.

- Connell, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Sociedade*, 20(2), pp. 185-206.
- Connell, R. W. (2012). A iminente revolução na teoria social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, nº 80, pp. 09-20.
- Conover, P. J. (1988). Feminists and the gender gap. *Journal of Politics*, v. 50(4), pp. 985-1010.
- Foucault, M. (2006). *Estratégias, poder-saber*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freire, P. (2012 [1968]). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Guevara, L. C. P. L. de. (2010). *El sexo de la ciencia*. Ciudad del México, D.F., Universidad Autónoma de Nayrit: Juan Pablo Editor.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *CadernosPagu*. (5), pp. 07-41.
- Harding, S. (1983). *Why has the sex/gender system become visible only now?* Harding, S; Hintikka, M. (Eds.). *Discovering reality: feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology, and philosophy of science*. Dordrecht, Holland Boston Hingham, MA: D. Reidel Sold and distributed in the USA and Canada by Kleiwer Boston, pp. 311-324.
- Harding, S. (1996). *Ciencia y feminismo*. Madrid: Ediciones Morata.
- Hartsock, N. (1985). *Money, sex, and power: toward a feminist historical materialism*. Boston: Northeastern University Press.
- Hernández, L. S. L. & Amorós, C. (2008). El feminismo filosófico en España: entrevista a Celia Amorós. *Isegoría. Revista de Filosofía Moral y Política*, n. 38, pp. 197-203.
- Keller, E. F. (1991). *Reflexiones sobre género y ciencia*. Valencia: Edicions Alfons el Magnànim, Institució Valenciana D'Estudis i Investigació.
- Lovell, T. (1996). Teoria social feminista. Turner, B. S. *Teoria Social*. Algés, Portugal: Difel, pp. 313-346.
- Nfah-Abbenyi, J. M. (2005). *Gender, feminist theory, and post-colonial (women's) writing*. Oyěwùmí, O. (Ed). *African gender studies: theoretical questions and conceptual issues*. Houndmills, Basingstoke, England, New York: Palgrave MacMillan, pp. 259-278.
- Pateman, C. (1996). *Críticas feministas a la dicotomía público/privado*. Barcelona: Paidós, pp. 2-23.
- Pereira, M. M. (2017). *Power, knowledge and feminist scholarship: an ethnography of academia*. Routledge: Lodon.

- Ramazanoğlu, C.; Holland, J. (2002). *Feminist methodology: challenges and choices*. London; Sage.
- Saffioti, H. I. B. (2015). *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo.
- Scavone, L. (2008). Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Revista de Estudos Feministas*, 16 (1): 288, pp. 173-186.
- Schiebinger, L. (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC.
- Schouten, Maria Johanna. (2011). *Uma sociologia do gênero*. Húmus: Famalicão.
- Scott, J. W. (1992a). "Experience". Butler, J; Scott, J. W. (Ed.) *Feminists theorize the political*. Routledge: New York.
- Scott, J. W. (2009). Perguntas no respondidas. *Debate Feminista*, v. 40, pp. 100-110
- Scott, J. W. (1990) "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*, v. 16, n. 2, pp. 5-22.
- Skeggs, B. (2008). *The dirty of feminism and sociology: or the war of conceptual attrition*. *The Sociological Review*, 54:4, pp. 670-690.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Taylor, V. (1998). *Feminist methodology in social movements research*. *Qualitative Sociology*, v. 21, n. 4, pp. 367-379.
- Walby, S. (1990). *Theorising Patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell.
- Walby, S. (1996). *Key concepts in feminist theory*. Aalborg: Departament of History, International and Social Studies. Aalborg University. *FREIA's tekstserie*, (3), pp. 1-18.
- Walby, S. (2011). The impact of feminism on sociology. *Sociological Research Online*, 16 (3) 21, pp. 1-10.